



AS BRINCADEIRAS POPULARES NO DESENVOLVIMENTO DAS LINGUAGENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Leila Teixeira Gonzaga¹ - SEMED
Caroline Barroncas de Oliveira² - UEA

Grupo de Trabalho: Educação da Infância
Agência Financiadora: não contou com financiamento

Resumo

Neste trabalho socializaremos a experiência vivenciada no projeto “As brincadeiras populares no desenvolvimento da Educação Infantil” apresentado como trabalho final do curso de formação em Educação Infantil com modalidade à distância oferecido pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM. O projeto teve como objetivo contribuir com o processo de aprendizagem das crianças no desenvolvimento de diferentes linguagens. Este atendeu 18 crianças de cinco anos do segundo período, turno matutino, a organização metodológica deu-se por meio de sequência didática com foco na brincadeira de roda, que se desenvolveu durante quatro dias nas quatro horas de aula, as atividades foram norteadas por algumas brincadeiras: cantigas de roda com as músicas “pai Francisco entrou na roda”, “tanta laranja madura”, as brincadeiras foram: “o gato e o rato”, “pata cega”, “coelhinho na toca”. As brincadeiras populares, seus elementos, suas riquezas quando aproximado das crianças no espaço da escola enquanto local de aprendizagem revelaram-se capazes de envolver, motivar e contribuir com o desenvolvimento das crianças. Sendo o brincar a ação de comunicação da criança com o mundo acreditamos ser de grande relevância essa experiência por inseri-la em sua cultura e por contribuir com a formação de identidade da criança amazonense. Nesse sentido, é preciso refletir sobre as formas que as crianças vivenciam e interpretam o mundo, aprendem, expressam-se, manifestam desejos, curiosidades, afim de que sirvam de referências, fundamentação e direcionamento aos fins educacionais, aos métodos de trabalho, a gestão dos eixos da Educação Infantil e a relação com as famílias. Assim, entendemos que a Sequência Didática desenvolveu as diferentes linguagens (oral e escrita) e atendeu as necessidades das crianças contribuindo para o desenvolvimento integral das mesmas.

Palavras-chave: Educação Infantil. Brincadeiras Populares. Aprendizagem.

¹Professor Do Centro de Estudos Superiores de Itacoatiara da Universidade do Estado do Amazonas-UEA. Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia – UFU. Mestre em Ensino de Ciências na Amazônia pela UEA. E-mail: carol_barroncas@yahoo.com.br

² Mestre em Ensino de Ciências na Amazônia pela UEA. Professora da Educação Infantil e do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental da Secretaria Municipal de Educação – SEMED/Manaus. E-mail: leila.tg@hotmail.com

Introdução

O Projeto de Aprendizagem “As brincadeiras populares no desenvolvimento das diferentes linguagens na Educação Infantil” é fruto do Curso de formação da Pós-graduação em Educação Infantil oferecido pela Universidade Federal do Amazonas-UFAM em parceria com a Secretaria Municipal de Educação-SEMED, objetivando o trabalho final do curso.

Ele surge como resgate das brincadeiras de infância que precisam ser socializadas e aprendidas pelas crianças. Também porque certo dia em sala de aula ao perguntar as crianças se gostavam de brincar, uma criança respondeu dizendo: *“que gosta de estudar e não de brincar, pois quem brinca, não vai mais querer estudar, não vai aprender nada”*, resposta que me deixou intrigada. Outro fato é a ausência de brincadeiras populares na escola.

Considerando o eixo interações e brincadeiras que norteiam o currículo desenvolvemos o projeto com 18 crianças de cinco anos do turno matutino, do segundo período, durante quatro dias no Centro Municipal de Educação Infantil -CMEI Hermann Gmeiner, localizado no município de Manaus - Amazonas. O projeto teve como objetivo desenvolver brincadeiras populares utilizando linguagens oral e escrita, arte, natureza e sociedade no processo de aprendizagem das crianças.

Assim, organizamos metodologicamente uma sequência didática focada na “brincadeira de roda”, que se desenvolveu durante quatro dias nas quatro horas de aula, as atividades foram norteadas por cantigas de roda como: “pai Francisco entrou na roda”, “tanta laranja madura” e as brincadeiras: “o gato e o rato”, “pata cega”, “coelhinho na toca” estas, possibilitaram experiências sensoriais, expressivas, corporais com movimentação ampla bem como a imersão das crianças em diferentes linguagens, formas de expressão gestual, plástica, dramática e musical durante o processo de desenvolvimento das atividades. Sendo o brincar a ação de comunicação da criança com o mundo acreditamos ser de grande relevância essa experiência por inseri-la em sua cultura e por contribuir com a formação de identidade da criança amazonense.

Deste modo, o texto inicia com o Relato da Experiência Pedagógica que foi organizado a partir do procedimento metodológico - Sequência Didática, em que descrevemos todo o processo de aplicação. Por fim, finalizamos apontando a relevância da experiência pedagógica e formativa construída no Curso de Pós-graduação em Educação Infantil atendendo os professores do município de Manaus.

Descrição da Experiência Pedagógica

No primeiro dia da realização da Sequência Didática as crianças foram recebidas e organizadas em círculo, fizemos as atividades de rotina, e juntos definimos as atividades que faríamos. Inicialmente as crianças cantaram e dançaram várias músicas, destacando-se a música “Oh flor! oh linda flor”. Após esse momento falaram sobre as brincadeiras, as cantigas de roda que conheciam, local onde brincavam, e se ainda brincavam de roda.

Comentaram que não brincavam porque queriam outras brincadeiras novas, como a pata-cega, manja-pegas; o gato e o rato, boliche, futebol, algumas das brincadeiras citadas pelas crianças já haviam sido vivenciadas em sala, nesse momento percebemos que as crianças almejavam diversidade de brincadeiras, fato que fortaleceu o propósito de apresentarmos outros repertórios a elas.

No momento seguinte mostramos imagens de pessoas brincando de roda, chamamos à atenção para as cores, as pessoas e o lugar onde brincavam, isso ajudou a fazerem uma leitura rica das imagens uma vez que riram e comentaram: “*a roupa deles é diferente tia*”, perceberam que as roupas que vestiam era diferente, assim como o lugar onde brincavam, diante disso relacionamos com a vida delas levando-as a refletirem no lugar que brincavam hoje e por que não brincam mais na rua como antigamente. Elas responderam: “*a mamãe não deixa*”; “*é perigoso passa muito carro*”. As imagens artísticas viabilizaram a reflexão chamando a atenção das crianças para diversas situações do seu cotidiano.

Como atividade prática as crianças completaram o boneco feito de recorte pintando e também representaram por meio de desenho a brincadeira de roda (Figura 1).

Figura 1- Recorte do boneco e ilustração da brincadeira de roda



Fonte: Leila Teixeira, 2014

No dia seguinte da Sequência Didática, combinamos de trazerem flores para a escola, estas foram arrumadas no centro do círculo, em seguida elas tocaram, cheiraram,

descreveram, perceberam semelhanças e diferenças nas flores, após essa interação expusemos imagens de flores da região e perguntamos para que servia a flor nas plantas e por que elas eram coloridas, algumas crianças responderam que era para “*cuidar da natureza*”, “*pra gente amar*”, “*pra plantar*”, “*pra enfeitar*”, “*pra criar a planta*”, mostraram com suas respostas o entendimento que tinham sobre essa questão. Conhecer o saber das crianças é necessário para desenvolver um trabalho pedagógico significativo (Figura 2).

Dando continuidade a Sequência Didática fizemos analogia entre as partes do corpo e as partes da planta e nesse movimento foram compreendendo que cada uma tem sua função, a flor não só embeleza, mas é responsável pelo nascimento de novas plantas. Instigamos a pensarem como isso acontece, uma vez que a planta não anda. Perguntamos: quem ajuda a planta a se reproduzir? A pergunta aumentou a curiosidade e o desejo da descoberta, mostramos imagens de insetos, aves nas flores e assim foram descobrindo quem eram esses ajudantes. Nessa sequência fomos mostrando imagens de flores com cores fortes e sempre questionando o porquê de serem coloridas e perfumadas. Apresentamos curiosidades sobre a preferência dos animais para dizer que a cor, o aroma são formas que as flores possuem para atrair os ajudantes, e novamente perguntamos: quem ajuda aquelas flores que não possuem cor atraente? Ouvimos suas suposições e fomos contando que o vento ajudava na polinização.

Fizemos uma atividade prática que foi chamada pelas crianças de “Flor oh linda flor”, elas montaram uma flor com os recortes de papel crepom de várias cores, enfeitaram com glitter, cola colorida, mas sempre preocupados em atrair os ajudantes, isso mostra o conhecimento adquirido sendo usado na atividade (Figura 2).

Figura 2- Observação das flores e painel “Oh flor, oh linda flor!”



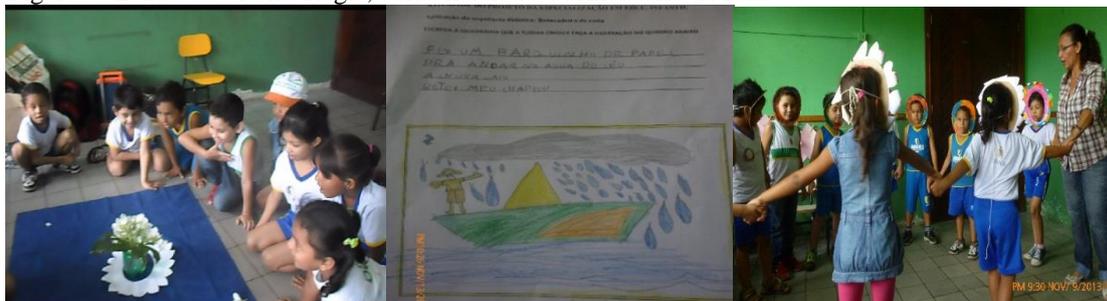
Fonte: Leila Teixeira, 2014

Em seguida pintaram uma máscara de flor e contamos a lenda regional a Vitória-Régia. Com recursos tecnológicos compartilhamos imagens e informações curiosas sobre a vitória-régia, como tamanho, cor, momento que a flor se abre. Essas informações suscitaram nas crianças outros questionamentos, em seguida dramatizaram

a lenda. Os materiais utilizados foram todos transformados, a máscara de flor passou a ser a lua, o tecido azul simbolizou o rio, a máscara com as flores naturais passaram a ser o reflexo da lua no rio, e assim fomos brincando e aprendendo (Figura 3).

As atividades desenvolvidas foram acompanhadas de cantigas de rodas, com versos rimados já existentes ou criado pelas crianças como esse: “*Fui chamar a menininha, e levei uma caixinha, alguém abriu e saiu uma florzinha*” o outro verso a criança disse: “*Andei na areia, papai me ajudou, pulei no rio, papai me ajudou*”, com essa motivação as crianças criaram o versinho: “*Fiz um barquinho de papel, para andar na água do céu, a chuva caiu, botei meu chapéu*”, esse foi copiado, interpretado oralmente e ilustrado pelas crianças depois exposto no mural (Figura 3). Em seguida apresentamos aos colegas a cantiga de roda “*Oh flor oh linda flor*” nessa brincadeira cada criança era chamada a recitar um verso (Figura 3).

Figura 3- Lenda da Vitória-Régia, verso ilustrado e brincadeira de roda



Fonte: Leila Teixeira, 2014

Os recursos viabilizaram o processo de ensino-aprendizagem, o tempo previsto necessidades individuais, situação que pode ser diferente no dia a dia. A sala e a área externa favoreceram a execução das atividades e a participação das crianças opinando e sugerindo outras brincadeiras. Vale ressaltar que, a Sequência Didática envolveu as crianças, mas também seus pais que participaram enviando material da atividade que foi destinada para casa, esse envolvimento nos mostra o quanto a participação dos pais favorece o desenvolvimento das crianças.

Deste modo, entendemos que a Sequência Didática contribuiu para o desenvolvimento das linguagens oral e escrita, uma vez que as crianças expuseram pensamentos, desejos, sugeriram e criaram. Em relação a natureza e sociedade elas manifestaram curiosidade quanto aos fenômenos que ocorrem na natureza, assim como a postura de respeito, a observação do ambiente, a criação de produções artísticas, se expressaram usando o próprio corpo, enfim, as atividades pedagógicas propostas atendeu as características e necessidades das crianças, que por muitas vezes, recorreram as brincadeiras que haviam aprendido na sequência didática nos momentos de interação.

Abordagem conceitual da experiência pedagógica

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2010) em relação às práticas pedagógicas na proposta curricular define que deve ser norteada pelas interações e brincadeiras para garantir: o conhecimento de si e do outro pela ampliação de experiências sensoriais, expressivas, corporais que promovam a expressão da individualidade, respeitando os desejos e o tempo de cada criança; a vivência das crianças com diferentes linguagens e o domínio de gêneros e formas de expressão: gestual, verbal, plástica, dramática e musical. Sendo assim as brincadeiras populares são um caminho possível para dar sentido às práticas pedagógicas por despertar o interesse natural das crianças.

O brincar na vida da criança acontece livremente sem hora estabelecida, no momento em que desejam, é uma ação livre, que ela inicia e administra, é um momento de prazer que não espera, nem busca um resultado, a ação de brincar oferece momentos de prazer, que envolve, aprende regras, linguagens, desenvolve habilidades e ensarta a criança no mundo imaginário. Brincar é um direito da criança que contribui para a tomada de decisão, interação e compreensão do mundo. É no brincar que Kishimoto afirma (2010, p.1) “a criança experimenta o poder de explorar o mundo dos objetos, das pessoas, da natureza e da cultura, para compreendê-lo e expressá-lo por meio de variadas linguagens. Mas é no plano da imaginação que o brincar se destaca pela mobilização dos significados”. É desta forma, a partir da cultura da infância, que a brincadeira existe como ferramenta para a criança se expressar, aprender e se desenvolver.

É na interação, na troca com seus pares que a criança adquire outros saberes que vão sendo incorporados ao dia a dia e contribuem com a construção do cidadão, isso verificamos no decorrer da aplicação da Sequência Didática quando as crianças tiveram a oportunidade de sugerir brincadeiras, expor seus desejos e serem atendidas. É necessário ouvi-las para conhecer suas brincadeiras, Kramer (2005) diz que podemos transformar o cotidiano na busca de um mundo melhor, mas é preciso observar as crianças brincando, pois precisa ser entendida pelo que é, faz e traz e não pelo que lhe falta.

As brincadeiras populares a “galinha e o gavião”, a “pata cega”, a música” Pai Francisco entrou na roda...” e “Oh flor! oh linda flor!”, foram momentos de intensa

interação, troca e exploração do corpo em que as crianças expressaram sentimentos, resolveram situações de modo cooperativo mostrando-se capazes de decidir, optar.

Nesse contexto, oportunizar momentos dessa natureza implica ver a criança desde bebê como cidadã de direitos oferecendo a ela objetos pelos quais possa expressar desejos, escolhas, sendo assim, cabe à escola possibilitar atividades que tenha o brincar como meio de desenvolvimento na relação com seus pares. Segundo Vygotsky (2007) os processos psicológicos são construídos pelas imposições do contexto sociocultural, logo as brincadeiras são construídas como resultado de processos sociais.

O contato com as flores, a observação, o toque, sentir o cheiro, admirar, comparar foi uma experiência que passou a ser vivenciada pelas crianças em outros contextos da escola quando se reportavam ao que aprenderam ao observar uma situação. A observação das imagens de espécies de flores e as questões que nortearam o diálogo sobre o porquê de serem coloridas, perfumadas, a relação da cor das flores com a preferência dos animais essas e outras questões levaram as crianças a suscitarem outras perguntas e apontarem suposições.

Essa é a fase em que as crianças precisam ser motivadas a pensar, vivenciar espaços amplos e áreas livres para que possam movimentar-se, observar, manifestar sentimentos e pensamentos, situações que oportunize o desenvolvimento da imaginação, da capacidade de expressão, assim como instigar a curiosidade em relação ao mundo ao seu redor, essas situações conduzem a criança a estabelecer uma proximidade com os conhecimentos sobre os fatos, fenômenos e da cultura, se organizados em ações pedagógicas diversificadas (JUK, 2010).

Na criação dos versos, as crianças buscaram relações de sentido no seu cotidiano e criaram com a imaginação. A construção coletiva do verso mostrou as interações que se estabeleceram no momento da criação, uma vez que quando alguém completava com uma palavra a ideia do outro e esse não concordava a professora mediava, esclarecendo até chegarem a um consenso. Vale ressaltar que, aprender a escrever exige experiências significativas porque essas é que gerarão necessidade de comunicação. Para aprender a escrever, antes de enfrentar o aspecto técnico, é preciso que as crianças tenham o que expressar e o que comunicar. “A vivência de experiências significativas cria necessidades de expressar-se e comunicar-se” (MELLO, 2007, p.7). “Percebe-se que mais do que ensinar a ler e escrever a escola deve introduzir o aluno na cultura letrada de modo a ensiná-lo a usar essa linguagem e

ampliar sua participação social e exercício pleno da cidadania” (GONZAGA; ROCHA; TERÁN, 2014, p.162).

Desta forma que nos questionamos, se saber expressar-se é a porta aberta para o aprendizado da escrita, como a criança aprende a se expressar? Sobre o que ela se expressa? O exercício da expressão vem com a vivência de experiências interessantes, no entanto nem sempre a criança tem essa vivência, então cabe a escola favorecer essas experiências, criar espaços de convivência com a leitura e a escrita, partindo não do aprendizado da técnica, das letras e sílabas sem sentido, das palavras sem articulação, mas sim de momentos de expressão da sua aprendizagem, de textos que expressem a necessidade da realidade.

O contato com narrativas locais e a dramatização das mesmas foi um momento simples, porém mágico as crianças para se expressarem usaram além da fala, o corpo, os sentimentos, a imaginação, elas ‘viajaram’ ao dramatizarem a lenda da Vitória Régia quando transformaram os objetos para atender às suas necessidades e o contexto. Sabemos que “[...] função simbólica da consciência é a capacidade da consciência de perceber que um objeto pode ser usado para representar outro” (MELLO, 2007, p.3). Função simbólica é quando a criança modifica um objeto em outro objeto que corresponda ao movimento que deseja realizar, o que faz em forma de gestos, palavras.

Conviver desde cedo com a cultura regional é de extrema importância para a formação de um mundo melhor. Segundo Dorotéo Fagundes (especialista em Folclore), em uma entrevista publicada no Boletim Informativo da OMEP-Porto Alegre, afirmou que a temática folclore na Educação Infantil é necessária porque quanto mais cedo conhecerem sua fisionomia cultural mais cedo compreenderão melhor o mundo, sua formação social e sua própria história, o que viabilizará a construção da sua identidade.

Ao representarem a brincadeira de roda através do desenho oportunizou-se às crianças o contato com o registro escrito. A escrita por imagens é o estágio em que a criança usa o desenho para “escrever” o que vivenciou, ele passa a ser usado como meio para recordar (POLIDO, 2009). No início pode representar brincadeiras, mas depois se torna um meio de registro. Ela descobre sua própria maneira de registrar, tornando-se para a criança uma atividade intelectual que o possibilita acompanhar o próprio processo de aprendizagem.

A apresentação da brincadeira de roda com a música “Oh flor, oh! Linda flor!” em que eram chamadas a recitarem seus versos, promoveu a autoestima das crianças, autonomia, criatividade, pois ao esquecerem o verso criavam outro ou

recebiam ajuda dos colegas. As diferentes linguagens vivenciadas no currículo, se constrói nas práticas efetivas e afetivas da vida social. Linguagens e ações estão juntas, segundo Barbosa (2009, p.5) “as linguagens são saberes da ação: simbólicos, expressivos, científicos, artísticos e tecnológicos que demonstram a capacidade humana para falar, escrever, manipular, expressar e produzir um número ilimitado de pensamento”.

A forma como experimentam as diferentes linguagens, as vivências de educação e cuidado presente na experiência curricular é que possibilitarão sua interpretação e imersão como pessoa no mundo. Segundo Kishimoto (1994) o conto de fadas, as lendas, as inúmeras brincadeiras serão o acervo de imagens culturais que as crianças usarão nos momentos de interação, essas imagens servirão de subsídios capazes de instrumentalizá-las na construção do conhecimento e sua socialização.

As cantigas de roda, recitação de versos criados ou memorizados nos remetem a imaginação, memória e sendo a imaginação um lugar de memória e de ação, nos questionamos sobre que memórias a escola possibilita às crianças? Compreendemos que não é o armazenamento de informações a essência da memória, mas nas emoções que guardamos, no sentido que atribuímos às experiências vividas que lembramos. É a lembrança que se mantém viva na memória que constitui a nossa imaginação, lembrança que pode ser de uma brincadeira, de um jogo, uma narrativa, um gesto, um passeio, uma imagem, um lugar, um objeto, estas experiências que mais tarde não serão apenas reproduzidas, mas recriadas pela criança.

Considerações finais

Compreendemos que a escola tem a responsabilidade de cuidar/educar, logo cabe a ela o encargo de compreender a função social, política e pedagógica sobre a concepção de criança, o modo como ela aprende, se desenvolve, assim como as formas didáticas possíveis de serem aplicadas no cotidiano da pré-escola para efetivação do direito a educação de qualidade.

A compreensão de que a Infância é uma construção histórico-social fortaleceu a necessidade de desenvolver na prática pedagógica atividades significativas que partissem das necessidades das crianças, e que fossem capazes de contribuir com a formação cidadã das mesmas. Neste entendimento, focamos em uma metodologia que atende as necessidades das crianças e organiza o trabalho pedagógico em sala de aula, a

Sequência Didática, esta direcionou o processo dentro de um espaço e tempo capaz de acompanharmos o começo, meio e fim das atividades realizadas.

A compreensão dos objetivos e fins da ação pedagógica clarificados na Sequência Didática oportunizou o desenvolvimento de habilidades como o “saber fazer e o saber conviver” construído na relação estabelecida na sala com as crianças, nas atividades desenvolvidas, no tempo de escuta e observação dedicado a ação delas com os objetos, com o ambiente e com as outras crianças. Dar significado a um trabalho com crianças tem fundamentalmente o foco nas brincadeiras e interações que elas estabelecem com seus pares, nos instrumentos de aprendizagens utilizados na relação delas com o mundo.

Organizar o saber a partir do interesse das crianças perpassa pela compreensão de que ela tem necessidade de falar, perguntar, buscar respostas e duvidar delas. Deixar que a criança se expresse livremente contribui para a desenvolvimento da linguagem oral e organização do pensamento. Atender as crianças possibilitando a expressão de diferentes formas, ajudarão na construção de um ser humano integral.

Essa experiência possibilitou a reflexão de que não basta ao professor o conhecimento técnico-teórico nas questões do ensino, pois necessitamos estar em processo de construção e reconstrução, abertos a aprender a aprender, a saber ouvir o outro para aprender com ele e por muitas vezes devemos desconstruir o que já estava estabelecido enquanto experiência pedagógica para então surgir o novo, e não são os anos de experiência que garantem a aprendizagem, mas a reflexão sistemática desta vivência.

Nesse sentido, é preciso refletir sobre as formas que as crianças vivenciam e interpretam o mundo, aprendem, expressam-se, manifestam desejos, curiosidades, afim de que sirvam de referências, fundamentação e direcionamento aos fins educacionais, aos métodos de trabalho, a gestão dos eixos da Educação Infantil e a relação com as famílias.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. BARBOSA, Maria Carmen S. Projeto de cooperação técnica mec. e UFRGS para construção de orientações curriculares para a educação infantil- pratica cotidianas na educação infantil - bases para a reflexão sobre as orientações curriculares. - Universidade Federal do RS, Brasília, 2009. Disponível em:
http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/relat_seb_praticas_cotidianas.pdf

<http://www.scielo.br/pdf/es/v18n59/18n59a10.pdf> Acesso em: 23/03/2014

Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil / Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2010.

LEI Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm Acesso em 10 de maio 2013.

HONORATO, Aurélia Regina de S. **A imaginação e a Infância.** Disponível em:
http://www.gedest.unesc.net/seilacs/infancia_aureliahonotato.pdf. Acesso: 27 de agosto de 2013.

JUK, Joelson. A criança e seu mundo: fenômenos, fatos e objetos. In: **Fundamentos teóricos e metodológicos de ciências humanas e sociais na educação infantil.** Faculdade Educacional da Lapa (Org.). Curitiba: Editora Fael, 2010.

KISHIMOTO, Tizuko M. Brinquedos e brincadeiras na educação infantil– FE-USP. **Anais do I Seminário Nacional: Currículo em movimento – perspectivas atuais.** Belo horizonte, 2010. Disponível em:
[file:///C:/Users/Leila/Downloads/2.3_brinquedos_brincadeiras_tizuko_morchida%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Leila/Downloads/2.3_brinquedos_brincadeiras_tizuko_morchida%20(2).pdf) Acesso em 14 de abril 2013.

O jogo e a educação infantil. **Perspectiva.** Florianópolis, UFSC/CED, NUP, n. 22, p.105-128, 1994. Disponível em:
<http://journal.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/download/10745/10260> Acesso em 14 de abril 2013.

KRAMER, Sonia. **Profissionais de Educação Infantil: Gestão e Formação.** São Paulo: Ática, 2005.

MELLO, Suely Amaral. O desenvolvimento da linguagem oral, escrita e visual. In: BISSOLI, Michelle de Freitas. (Org.). **Fundamentos da Educação Infantil.** Manaus: CEFORT/EDUA, 2007, v. 1, p. 22-37. 5.

Contribuições da educação infantil para a formação do leitor e produtor de textos. In: **Diretrizes Educacionais Pedagógicas para a Educação Infantil.** Prefeitura Municipal de Florianópolis. Secretaria Municipal de Educação. Florianópolis: Preto Gráfica & editora Ltda., 2010.

Organização Mundial para a Educação Pré-Escolar – OMEP. A Criança descobrindo, interpretando e agindo sobre o Mundo. *Série Fundo do Milênio para a Primeira Infância. Cadernos Pedagógicos* – volume 2 Brasília, janeiro de 2005.

POLIDO, Olga; FRANCIOLI, Fatima A. de S. **A origem dos processos psíquicos da linguagem escrita.** Disponível em:
<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1469-6.pdf> Acesso: 15 de abril, 2013.

SILVA, Michelle P. da; CARVALHO, Carlos H. de. **Infância e Modernidade: redimensionando o ser criança.** Disponível em: <http://www.fucamp.edu.br/wp->

content/uploads/2010/10/2-Inf%20c3%20a2ncia-e-modernidade-Michelle.pdf
Acesso em: 28 fevereiro de 2013.

GONZAGA, Leila Teixeira; ROCHA, Sonia Claudia B.; TERÁN, Augusto F. Espaços educativos não formais como interface entre educação científica e letramento linguístico na Educação Infantil. In: TERÁN, Fachin; SANTOS, Saulo. **Ensino de ciências em espaços não formais amazônicos**. Paraná: Editora: Curitiba, 2014.

VYGOTSKY, Lev S.; LURIA, Alexander R.; LEONTIEV, Ale N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 7ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.